

OS DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA ENQUANTO PRÁTICA FILOSÓFICA

Autores: ALLAN BARBOSA DE SOUZA, SIMONE MONTEIRO NOGUEIRA, FERNANDO SOARES DE ALMEIDA

Introdução

O filósofo Immanuel Kant considerava a Filosofia como um saber que está sempre incompleto, sempre sendo feito, e por essa razão afirmou que “não se pode em absoluto aprender Filosofia, porque ela ainda não existe” (Kant, 1983, p. 407). Para o professor de Filosofia do ensino médio os desafios se mostram óbvios: aprender o que é impossível de se aprender, e, subsequentemente, ensinar o que ainda não existe. A primeira experiência necessária ao professor, antes mesmo de entrar na sala de aula, é a reflexão sobre a possibilidade do ensino do amor ao saber, e esta reflexão, sendo um ato de filosofar, também está destinada a permanecer sem uma resposta absoluta. A reflexão, porém, não deve ser um fator a atrapalhar o processo de ensino da Filosofia, e sim deve ser uma motivação a mais para a atividade filosófico-pedagógica, que precisa, por definição, conter em si elementos inquietantes, até mesmo para que possa nascer nos estudantes do ensino médio o interesse pela Filosofia, e consequentemente, pelo ato de filosofar. Portanto, o professor deve apreciar o processo de busca do saber, e deve fazê-lo ao mesmo tempo em que guia cada estudante em seu próprio caminho da busca do saber.

Um dos objetivos deste trabalho é registrar as percepções como bolsista do PIBID na participação das atividades relacionadas à disciplina de Filosofia na Escola Estadual Hamilton Lopes, em Montes Claros. Parte dessas atividades como bolsista aconteceu em sala de aula, por meio do processo de observação e contemplação da prática filosófico-pedagógica. Outra parte se deu no contato direto com os alunos, os quais os bolsistas puderam auxiliar na execução de projetos da disciplina de Filosofia, como o Projeto da Páscoa, que aconteceu neste ano de 2017. O outro objetivo deste trabalho é iniciar uma discussão, fundamentada na pesquisa bibliográfica e nas percepções anteriores, sobre o papel do professor de Filosofia no ensino médio, a necessidade e a importância do ensino de Filosofia nas escolas, e os desafios de produzir um ensino que possa ir além do consumo dos livros dos filósofos, mostrando aos estudantes as ilimitadas possibilidades de reviver a Filosofia, de encarná-la na vida cotidiana, de torná-la parte fundamental, seja por amor ou por necessidade, da realidade de cada um deles. Esta atividade se justifica exatamente por ser essa a função do professor: filosofar durante o processo de ensinar Filosofia, refazer o processo detalhadamente, rigorosamente, estando atento à humanidade dos estudantes, aos seus desejos, às suas características, necessidades, questionamentos e objetivos. O professor precisa de um fundamento filosófico para justificar seu trabalho, e esse fundamento filosófico deve ser constantemente construído. Ele deve filosofar consigo, com os estudantes, e depois retroalimentar o processo com o produto filosófico dos próprios estudantes, a fim de manter o diálogo vivo, valorizando cada momento do acontecimento dialético. Um último objetivo do trabalho é registrar o que foi observado no comportamento dos estudantes do ensino médio da Escola Estadual Hamilton Lopes quanto ao envolvimento nas práticas da disciplina de Filosofia, nos conteúdos, e também quanto ao interesse genuíno sobre os problemas filosóficos, tanto os trazidos pelo professor por meio dos textos dos autores, quanto os que surgem dos próprios estudantes em sala de aula.

Retomando as primeiras inquietações pelas quais tem de passar o professor de Filosofia, surge a pergunta sobre como deve ser o ensino de Filosofia. Esta pergunta deve ter como prerrogativas, dentre outras, as questões de *porque*, *o que*, e *como* ensinar Filosofia. Uma forma objetiva de responder a questão do *porquê* pode se dar na simples recordação da promulgação da Lei II.684, de 2 de junho de 2008, com a qual a Filosofia voltou a ser uma disciplina obrigatória nas escolas brasileiras. Este fato foi o que tornou possível o retorno da necessidade de se pensar questões sobre a disciplina, e de se desenvolver uma base completa e concreta para a implementação dela no currículo, o que disciplinas obrigatórias há mais tempo já possuem. Mas além do dever para com a lei, o professor possui um dever para com a sua vocação de filósofo, e não seria do feito de um filósofo se contentar com uma mera necessidade institucional, até porque, tomada como literal, esta necessidade corre o risco de converter-se num objetivo de doutrinação, ao invés de promoção do desenvolvimento intelectual dos estudantes. Este desenvolvimento intelectual, além de tudo, deve andar paralelamente à prática de cidadania e de autonomia intelectual.

Materiais e métodos

Os métodos e materiais da Filosofia são sempre a própria experiência de quem filosofa, além dos livros de Filosofia. Sendo assim, foram colhidas observações em forma de notas durante todas as aulas de Filosofia, levando em conta tanto a entrega do professor quanto os conteúdos ministrados, e também o ânimo dos alunos em relação às aulas, seus questionamentos, dúvidas, dificuldades e curiosidades. Foram levadas em consideração também as conversas entre professores e estagiários nas reuniões. Todo o processo de observação e registro aconteceu antes, durante e depois das atividades do Projeto de Páscoa, da preparação até a avaliação geral. Foram observadas as motivações dos alunos, o empenho deles, e por último mas não menos importante, a forma como eles responderam ao retorno ou à falta de retorno por parte dos professores e demais envolvidos, nas semanas seguintes à culminância do projeto.

Resultados e discussão

Os resultados da prática do ensino de Filosofia se desvelam, antes das formalidades, em cada momento em que se dão as discussões e as inquietações. Antes de tudo, os resultados acontecem no próprio agir do professor para com os estudantes, e dos estudantes entre si. Observa-se, em geral, um interesse dos alunos, que na maioria se mostram interessados nos temas filosóficos, e se mostram também capazes de construir argumentos fundamentados em suas próprias experiências. O professor que é capaz de apresentar os grandes temas filosóficos utilizando-se de exemplos cotidianos tem maior chance de trazer para suas aulas a atenção dos alunos, esses que possuem, agora com o uso amplo da internet, uma considerável gama de referências das mídias tradicionais e alternativas, o que ajuda a manter o diálogo sempre atualizado. Mas apesar de todas as referências, tanto da mídia quanto da bibliografia, o desafio do professor é exatamente chamar os alunos à necessidade da reflexão propriamente dita, na qual os fatos da vida de cada aluno e do grupo como um todo, são elevados pelas teorias, mas não substituídos por elas. É exatamente neste ponto que se fazem necessários esforços para transformar o vigente costume antifilosófico em um pensamento crítico fundamentado no contato direto com a realidade. Este salto só pode se dar por meio de uma liberação, principalmente a liberação do medo. Medo de mudar de opinião, de ir contra a maioria, de decepcionar as autoridades, de se perder em reflexões, de se sentir perdido, e medo também de ser responsável por sua própria existência. Pois na formação de um indivíduo autônomo, são inevitáveis esses obstáculos existenciais, que se revelam antes de cada escolha, de cada primeiro passo nos caminhos do pensamento e da ação. A fórmula para a superação desses obstáculos está exatamente no ensino de Filosofia enquanto prática filosófica, exatamente como no clássico modo socrático, a partir do envolvimento das partes interessadas sobre um problema comum.

Conclusões

O ensino de Filosofia é, e só pode ser, distinto do ensino das demais matérias do currículo do ensino médio. Visando a formação de cidadãos, que está entre os objetivos da educação básica, a Filosofia é a disciplina que realiza “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”, e é a partir desta prerrogativa que deve seguir o professor de Filosofia, com o objetivo de garantir ao aluno as ferramentas teóricas necessárias, que serão integradas aos seus questionamentos reais, seus sofrimentos, utopias, espantos e curiosidades. O professor deve ser filósofo para ensinar filosofia, pois deverá levar em conta a humanidade dos seus alunos em relação à dele, deverá ser capaz de se colocar no lugar dos alunos, e de simular cognitivamente as experiências dos alunos. E, como filósofo, esse professor não deve dar as respostas, mas sim formular as melhores perguntas sem esperar nenhuma resposta já conhecida, pois a Filosofia parte do conhecido para o desconhecido, e depois volta ao conhecido, percorrendo com amor o não concluível círculo filosófico. E ao fazer filosofia, ao se engajar na atividade filosófica, o professor irá ensinar sem perceber, e os alunos irão aprender sem perceber, que é o modelo ideal do aprendizado humano e caracteriza a filosofia em seu significado literal. Para isso o professor, antes de qualquer coisa, deve encarnar o reconhecimento da própria ignorância, a humildade socrática, a compreensão profunda do que significa conhecer, para desta forma poder cobrir as matérias essenciais do estudo da Filosofia, começando pela História da Filosofia. Mas deve-se tomar cuidado para não ensinar História da Filosofia como se ensina História, pois as duas não podem ser feitas da mesma forma, pois possuem intenções diferentes. Estuda-se a história do pensamento dos filósofos para ser possível dialogar com eles, conhecer os caminhos de seus pensamentos, reconhecer os erros lógicos e percepções falsas. Usa-se a História da Filosofia como matéria da combustão de uma filosofia própria, que não pode estar completamente à mercê das anteriores, mas também não deve se fechar em si mesma. Além da História da Filosofia, é absolutamente necessária a relação interdisciplinar com as demais ciências humanas e os estudos de literatura, dentre outras matérias não menos importantes. A capacidade filosófica se faz na interconexão entre os conhecimentos humanos de todos os tempos, e deve sempre estar acompanhada de uma consciência universal, que enxergará toda diversidade e potencialidade da inteligência humana, reconhecendo os limites dessa inteligência, os resultados históricos e as marcas psicológicas que permanecem no homem de hoje, que é resíduo da história humana universal. É necessário se ver como este ser que possui uma continuidade, que reverbera nas próximas civilizações, que é capaz de mudar o presente e o futuro, simplesmente mudando a forma como vê a realidade. E se essas capacidades forem nutridas de forma consciente por todos os envolvidos no processo educativo, o resultado poderá ser uma nova geração de pessoas que tem responsabilidade por suas próprias ações e também pelas ações do outro, e essa nova geração compreenderá que a Filosofia é o próprio movimento cognitivo de se compreender a si mesmo, de descrever e criar a realidade, de conversar com as formas e as ideias, compreender a verdadeira função do homem no mundo, e agir integralmente segundo essa compreensão.

Agradecimentos

PIBID/CAPES

Referências Bibliográficas

ASPIS, R. P. L. O professor de Filosofia: o ensino de Filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320, Dez. 2004. Disponível em: . Acesso em: 28 Nov. 2017.

LIPMAN, M. *A Filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

SILVA, T. C. da. A Filosofia no Ensino Médio: Por que, o que e como ensiná-la?. **Humanidades em diálogo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 201-214, nov. 2011. ISSN 1982-7547. Disponível em: . Acesso em: 25 Nov. 2017.

SILVEIRA, R. J. T. O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipan: Uma Concepção Liberal da Educação. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v.7, n. 13, p. 121-139, jan./jun. 2011. ISSN 1984-5987. Disponível em: . Acesso em: 02 out. 2017.